

## **TEXTO OBRIGATÓRIO: HAMLET**

### **HAMLET**

#### **Cena “Ser ou não Ser”**

Ser ou não ser, eis a questão,

Será mais nobre deixar que o espírito suporte

Os golpes e as setas da fortuna ultrajante

Ou erguer armas contra um mar de angústias

E, não aceitando, pôr-lhes termo? Morrer, dormir,

Dormir e talvez sonhar.

Ai, mas aqui é que está o difícil –

Pois que sonhos surgirão nesse sonho da morte

Quando tivermos despido o tumulto mortal?

É isso que nos detém – esta é a suspeita

Que dá tão demorada vida ao sofrimento:

Pois quem suportaria as chicotadas e as troças do tempo,

A injustiça do opressor, os desprezos do orgulhoso,

A angústia do amor desprezado, a demora da lei,

A insolência das autoridades e os desdéns

Que o mérito paciente recebe dos medíocres,

Se, com um punhal, pudesse

Criar ele próprio a sua paz. Quem quereria

Levar os fardos e gemer e suar sob uma vida exausta?

Mas o terror de alguma coisa que está depois da morte

– País desconhecido de cujas fronteiras

Nenhum viajante regressa – perturba o nosso desejo

E leva-nos a suportar o mal que temos

E a não voar para males dos quais nada sabemos.

Assim a consciência faz de nós covardes,

E assim o primitivo brilho da vontade

Desmaia sob a pálida cor do pensamento.

Empreendimentos de grande alcance e grande peso

Torcem por causa disto o seu caminho

E perdem o nome de acção. Silêncio agora!

A doce Ofélia! Ninfa, nas tuas orações

Lembrados sejam meus pecados todos.

**TEXTO S OPCIONAIS: ESCOLHER APENAS UMA DAS 3 OPCÕES:**

**1 – BRIZIDA VAZ**

**COMPANHEIRO**

Diz que não há-de vir cá sem Joana de Valdeis.

**DIABO**

Entraí vós, e remareis.

**BRIZIDA**

Não quero eu entrar lá.

**DIABO**

Que saboroso arrecear!...

**BRIZIDA**

Não é essa barca a que eu cato.

**DIABO**

E trazeis vós muito fato?

**BRIZIDA**

O que me convém levar.

**DIABO**

Que é o que haveis de embarcar?

**BRIZIDA**

Seiscentos virgos postiços  
e três arcas de feitiços  
que não podem mais levar.

Três armários de mentir,  
e cinco cofres de enleios  
e alguns furtos alheios  
assi em jóias de vestir;  
guarda-roupa de encobrir,  
enfim – casa movediça;  
um estrado de cortiça  
com dez coxins de embair  
A mor carrega que é:  
essas moças que vendia.

Daquesta mercadoria

Trago em muita, à bofé!

**DIABO**

Ora ponde aqui o pé.

**BRIZIDA**

Hui! eu vou para o Paraíso!

**DIABO**

E quem te dixeu a ti isso?

## **BRIZIDA**

Lá hei-de ir desta maré.

Eu sou uma mártel tal,

açoutes tenho eu levados

e tormentos suportados

que ninguém foi igual.

Se eu fosse ao fogo infernal

Lá iria todo o mundo!

E estoutra barca cá em fundo

me vou eu, que é mais real.

Barqueiro, mano, meus olhos,

prancha a Brizida Vaz!

## **ANJO**

Eu não sei quem te cá traz...

## **BRIZIDA**

Peço-vo-lo de gíolhos!

Cuidais que trago piolhos

anjo de Deus, minha rosa?

Eu sou Brizida a preciosa

que dava as moças aos molhos.

A que criava as meninas

para os cónegos da Sé...

Passai-me por vossa fé,

meu amor, minhas boninas,

olhos de perlinhas finas!

E eu sou apostolada,

angelada e martelada,

e fiz obras mui divinas

Santa Úrsula não converteu

tantas cachopas como eu:

todas salvas po-lo meu,

que nenhuma se perdeu

E prouve àquele céu

que todas acharam dono.

Cuidais que dormia eu sono?

Nem ponta! ... E não se perdeu.

## **2 – ROMEU E JULIETA**

### **Cena II**

#### **Jardim de Capuleto**

#### **Entra ROMEU**

#### **ROMEU**

Só se ri das feridas quem nunca sentiu as dores dos ferimentos. (aparece Julieta à sua janela). Mas... silêncio! Que luz será aquela que jorra através desta janela? Esta janela é o Oriente; Julieta o Sol. Ergue-te, oh! Astro de beleza, faz desaparecer a Lua que tem inveja de ti! Vês como está doente? Como está pálida de pesar, porque tu, sendo quem a substituis, és mais bela do que ela? Não a queiras substituir, já que tão invejosa é! As roupagens de vestal são macilentas e descoradas; somente as imbecis as usam; deita-as fora. És a minha amada! És o meu amor! Assim pudesses tu saber quem és! Falas e nada dizes! Quem me dera saber o que isto quer dizer! O teu olhar é quem fala; vou responder-te. Sou ousado demais; não é para mim que ela fala; duas das mais belas estrelas de todo o firmamento, quando são forçadas a retirar-se, suplica, aos olhos da minha amada que brilhem em vez delas nas esferas até que voltem. E, se por acaso os seus olhos estivessem agora nestas esferas e as estrelas na sua frente? Não; o resplendor do seu rosto envergonharia as estrelas da mesma forma que um dia claro faria envergonhar uma lâmpada; se os seus olhos estivessem no céu, relampejaria nos ares tal claridade que as aves cantariam, cuidando que não havia noite. Oh! Como ela encosta a face à sua mão. Quem me dera ser a luva onde a sua face encosta.

#### **JULIETA**

Ai de mim!

#### **ROMEU**

Fala! Oh! Continua a falar, anjo resplandecente! Aí onde tu estás, por sobre a minha cabeça, pareces também um resplendor no meio desta noite, mensageira alada e celestial perante os olhares admirados dos mortais! Quando os erguem para o céu têm de esconder a íris nas pálpebras, tal é a altura a que devem dirigir-se para te contemplar, enquanto perpassa rápido por entre nuvens indolentes e navega no seio do firmamento...

### **JULIETA**

Romeu! Romeu! Por que és tu, Romeu? Renega o teu pai, muda de nome; se não queres fazer isto, jura amar-me e deixo eu de ser Capuleto.

### **ROMEU**

Deverei eu ouvir ainda ou dar-me a conhecer?

### **JULIETA**

Só o teu nome é que é o meu inimigo. Apesar de tudo não és um Montecchio, és tu e só tu. E que vem a ser um Montecchio? Nem é mão, nem pé, nem braço, nem rosto, nem qualquer outra parte de corpo humano. Oh! muda de nome! mas o que é que existe num nome? A flor a que chamamos rosa, deixa de ter perfume se lhe dermos outro nome? Romeu, ainda mesmo que não se chamasse Romeu, nem por isso deixaria de ser tão perfeito como é. Renuncia a esse nome, Romeu, e em vez dele que não faz parte da tua existência, apodera-te de mim que sou tua.

### **ROMEU**

Aceito: chama-me unicamente teu amor, baptizo-me de novo e doravante já não quero ser Romeu.

### **JULIETA**

Quem és tu que, protegido pela noite, assim vens surpreender os segredos da minha alma?

### **ROMEU**



Não sei de que nome hei-de servir-me para te dizer quem sou: o meu nome, ó minha santa querida, é-me tão odioso poe ser teu inimigo que se ele estivesse escrito num papel eu rasgava-o.

**JULIETA**

Apesar de serem bem poucas as palavras que têm ecoado nos meus ouvidos pronunciadas por esta voz, reconheço-a. Não és tu, Romeu de Montecchio?

**ROMEU**

Nem Romeu, nem Montecchio, se qualquer desses nomes te desagrada.

**JULIETA**

Como pudeste aqui vir, diz-mo? E para que vieste? Os muros deste jardim são altos e difíceis de escalar. Este lugar será mortal para ti, se qualquer dos meus parentes der contigo.

**ROMEU**

Transpus estas muralhas com as asas do amor que são leves, porque as barreiras de pedra não podem embaraçar os voos do amor. O que é que o amor quer, que não consiga? os teus parentes podem lá servir-me de obstáculo?

**JULIETA**

Se te virem, és morto.

**ROMEU**

Ai! Julieta, há mais perigos nos teus olhos do que em vinte das suas espadas. Basta que desças um desses ternos olhares para mim, que eu fico bem escudado contra a sua inimizade.

**JULIETA**

Por nada deste mundo desejaria que eles te vissem aqui.

## **ROMEU**

Agasalha-me o manto da noite, que me esconde da vista deles. Se me não amas, que me importa que me encontrem aqui? Antes queria que o seu ódio pusesse fim à minha vida do que a morte tardar sem o teu amor.

## **JULIETA**

Quem te ensinou este caminho?

## **ROMEU**

O amor excitou-me a descobri-lo; deu-me conselhos e eu emprestei-lhe os meus olhos. Eu não sou piloto, mas se tu estivesse afastada na mais longínqua praia do mar, eu aventurar-me-ia a ir ter contigo.

## **JULIETA**

A máscara da noite vela-me o rosto; se não fosse isso, nas minhas faces virginais verias o rubor que as palavras que há pouco proferi, causaram. Bem queria eu guardar as conveniências; bem desejaria negar o que disse, mas, adeus, acabaram-se as cerimónias. Amas-me? sei que me vais dizer que sim: ficas preso por essa palavra; contudo se juras podes tornar-te perjuro. Dizem que Júpiter acha muita graça aos perjúrios dos amantes. Querido Romeu, se me amas, declara-mo lealmente; se pensas que fui fácil de conquistar, serei cruel, carregarei o meu sobrecenho, dir-te-ei: não, para te dar ensejo a que me conquistes, de outro modo por nada deste mundo o farei. A verdade, belo Montecchio, é que estou muitíssimo apaixonada por ti; portanto podes julgar o meu comportamento leviano, mas acredita que mostro-me sincera, porque não sou como as outras que usam de artifícios para serem reservadas. É possível que fosse mais reservada, confesso-o, se, há pouco, não tivesses surpreendido as expressões apaixonadas do meu sincero amor. Perdoa-me, não interpretes esta facilidade como leviandade deste amor, que esta tenebrosa noite assim te revelou.

## **ROMEU**

Senhora, juro-te por essa Lua encantadora que lá baixo toca com uma das extremidades de prata o cimo daquelas árvores de fruto...

## **JULIETA**

Não jures pela Lua, pela Lua inconstante que todos os dias muda de figura na nossa órbita; tenho medo que o teu amor se mostre tão inconstante como ela.

**ROMEU**

Pelo que jurarei eu, então?

**JULIETA**

Não jures por nada deste mundo; mas se quiseres jurar, jura pela tua graciosa pessoa, divindade do meu coração idolatrado, porque eu creio em ti.

**ROMEU**

Se o meu queridíssimo amor do meu coração...

**JULIETA**

Basta, não jures. Ainda que a minha alegria de ti imane, não posso nesta noite gozar de todas as alegrias da nossa entrevista. É muito temerária, é muito precipitada, é muito repentina. Parece-me que o relâmpago que desaparece antes mesmo que se possa dizer: *como brilha!* Terna e benfazeja noite! Este botão de amor, prestes a desabrochar como o hálito quente do Estio, talvez ainda o vejamos aberto em flor esplêndida no próximo encontro. Boas noites! Boas noites! e que a paz e felicidade tão meigas que encham meu peito desçam ao teu coração.

**ROMEU**

Oh! E vais-me deixar assim sem me dizeres mais nada?

**JULIETA**

Que mais queres que te diga?

**ROMEU**

Jura amar-me como eu te amo.

**JULIETA**

Dei-te o meu amor antes que tu o pedisses e assim eu pudesse ter deixado de to dar.

**ROMEU**

Porquê? Querias retirar-mo?

**JULIETA**

Não. Queria continuar a oferecer-to, mas o que eu desejo é a ventura que já tenho; a minha generosidade é tão ilimitada como é o mar, tão profunda como ele; quanto mais te amo tanto mais amor tenho para te dar, porque é infinito. (A ama chama de dentro.) Ouço passos lá dentro. Adeus, meu querido amor! – Já lá vou, ama! Delicado Montecchio, sê fiel. Espera por mim somente alguns minutos; eu venho já. (Sai da janela.)

**ROMEU**

Oh! noite venturosa! Oh! noite feliz! Que medo tenho por ser de noite que tudo isto não passe dum sonho! Oh! como isto é delicioso para ser real...

**JULIETA** (aparece à janela)

Três palavras, querido Romeu, por esta vez. Se o carácter do teu amor é o da honra, se tem por fim o casamento, manda pela pessoa que eu te enviar uma palavra que me indique onde e quando queres que a cerimónia se efectue e eu deporei a teus pés todo o meu destino e seguir-te-ei através do mundo inteiro como meu senhor.

**AMA** (dentro)

Menina...

**JULIETA**

Já lá vou. – Mas se as tuas intenções são outras, imploro-te...

**3 – Um texto à escolha, autor português ou autor estrangeiro, com a duração de cerca de 3 minutos.**